

Boécio: Liberdade e Vontade

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduando em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Anício Mânlio Severino Boécio nasceu em Roma, em 470. Estudou nesta cidade, mas também em Atenas. Exerceu importantes funções, inclusive a de cônsul, sob o reinado de Teodorico, Rei dos Ostrogodos. Perseguido por seu amor à justiça, foi caluniado, exilado e cruelmente executado em 525. Boécio, depois de Agostinho, foi a maior influência da antiguidade cristã latina na filosofia medieval. Durante o seu exílio em Pavia, escreveu a sua obra-prima, o *De Consolatione Philosophiae*. Trata-se de um diálogo entre o autor, à espera da morte certa, e a filosofia, que vem, sob a figura de uma mulher veneranda, para consolá-lo dos seus infortúnios. Neste diálogo, Boécio interroga a filosofia sobre as agruras que ele sofre. Esta o consola no seu acérrimo cárcere, dizendo-lhe que não é nos bens exteriores que encontramos a felicidade, mas só em Deus. Por fim, ocorre a discussão acerca de como é possível conciliar a liberdade humana com a Providência divina. É disto que trata o nosso texto.

A nossa reflexão seguirá por tópicos. Antes tudo, estabelecendo que Deus, além de ser a causa de todas as coisas, é o fim ao qual todas elas tendem. Em seguida, tentaremos mostrar que é somente submetendo-se à vontade de Deus, que tudo governa, que se pode escapar às angústias causadas pelos malogros da vida presente. Posteriormente, nos dois tópicos seguintes, esforçar-nos-emos para tornar patente como este submeter-se à vontade Deus não tolhe a nossa liberdade, corolário espontâneo do nosso ser racional. Por fim, para tornar evidente como Boécio, através da distinção entre *Providência* e *Destino*, assume uma posição segundo a qual a suprema liberdade consiste precisamente em submeter-nos à vontade de Deus, libertando-nos, gradualmente, das paixões mundanas e dos bens precípeis, as únicas coisas que verdadeiramente nos escravizam. Após isso, passaremos às considerações finais,

onde tentaremos salientar os pontos fortes e os pontos que julgamos insuficientes no argumento de Boécio.

O texto básico das nossas reflexões será o *De Consolatione Philosophiae*, em cinco tomos, na sua tradução brasileira – *A Consolação da Filosofia* – efetuada por Willian Li e editada pela Martins Fontes, em 1998. Também recorreremos ao *La Philosophie au Mon Âge. De Scot Érigène à Guillaume d’Occam* (1922), na sua versão modificada – *La Philosophie au Mon Âge. Dès Origines Patristiques à la Fin du XIV* – de 1944. A tradução que seguiremos, no caso, será a feita por Eduardo Brandão e lançada pela editora *Martins Fontes*, em 1995: *A Filosofia na Idade Média*. Finalmente, valer-nos-emos também do compêndio *História da Filosofia Cristã. Desde as Origens até Nicolau de Cusa* (1951) – parceria de Gilson com Philotheus Boehner –, trazida para o vernáculo pelo Prof. Raimundo Vier, em 1970, a partir da edição alemã: *Christliche Philosophie – von ihren Anfaengen bis Nikolaus von Cues* (1952 a 1954).

Passemos à análise de Deus enquanto fim de todas as coisas.

1. *Deus: causa e fim de todas as coisas*

No seu cárcere, à espera da morte, Boécio parece se desesperar e lamenta a sua sorte. Consegue, no entanto, encontrar algum alento no estoicismo cristianizado que esposa, o qual lhe apregoa a existência de um Deus, ser perfeito e governador do mundo, que prevalece às injustiças deste mundo que passa.¹ Parece-lhe impossível que um universo tão bem ordenado como o nosso seja conduzido pelo acaso: “(...) Seria impossível crer que um universo tão bem ordenado fosse movido pelo cego acaso: sei que Deus preside aos destinados à Sua obra, e nunca me desapegarei dessa verdade”². Destarte, para ele, Deus não é apenas o princípio de todas as coisas, mas também *o fim para o qual todas se encaminham*. Na verdade, para quem conhece o princípio, não saber qual seja o fim é estultice, pois ambos se coincidem:

¹ BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000. p. 217: “É no contexto de suas extensas pesquisas morais que vamos encontrar as idéias de Boécio sobre a vontade. O seu conhecimento é indispensável para a compreensão do problema ventilado no *De consolatione philosophie*. Encarcerado e ameaçado de morte, Boécio não encontra consolo senão no estoicismo atenuado da moral cristã. Existe um Deus que, além de perfeito, é também Providência.”

² BOÉCIO. **A Consolação da Filosofia**. Trad: Willian Li. São Paulo: MARTINS FONTES, 1998. I, 12.

“Então sabes donde provêm todas as coisas?” “Sim”, respondi, e eu lhe disse que provinham de Deus. “E como podes conhecer o princípio de tudo e ignorar o fim?”³

Passemos a considerar a pertinência de submeter-se à vontade de Deus.

2. *Submeter-se à vontade de Deus*

Agora bem, se o fim de todas as coisas é Deus, então não há o que temer.⁴ Se Ele é o governador do mundo, as situações nas quais nos encontramos – inclusive os infortúnios – estão sujeitas a Ele. Àquele que reconhece ser a nossa vida governada não pela Fortuna, mas por Deus, importa aceitar as desditas com docilidade.⁵ Sem embargo, é a ignorância destas verdades que nos causa o temor desmedido diante do sofrimento e da morte. Quando nos esquecemos de que o verdadeiro soberano é Deus e de que é por Suas leis que o universo é regido, então é que pensamos incautamente, que os ímpios é que são felizes:

É porque desconheces qual é a finalidade do universo que tu imaginas felizes e poderosos os que te acusam. É porque esqueceste as leis que regem o universo que julgas que a Fortuna segue seu curso arbitrário e que ela é deixada livre e soberana. Tais são as causas temíveis, não digo apenas da doença, mas até da morte.⁶

Passemos a considerar em que consiste a nossa liberdade e como esta se concilia com a Providência.

³ *Idem. Op. Cit.*

⁴ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 217: “O Sumo Bem não é apenas o princípio de todas as coisas, mas também seu fim último.”

⁵ *Idem. Ibidem*: “Existe um Deus que, além de perfeito, é também Providência. Sendo assim, cumpre-nos esposar amorosamente as decisões de sua vontade.”

⁶ BOÉCIO. *Op. Cit.* I, 12.

3. *A cegueira das paixões e a nossa liberdade*

Ora, o que nos cega a estas verdades são as nossas paixões. Mister, destarte, é dominá-las. Sem embargo, enquanto o mundo segue o seu curso natural e atinge o seu fim naturalmente, ao homem – para que o atinja – cumpre não ser complacente com os seus desejos ignominiosos. Com outras palavras, se aos demais seres foi concedido alcançarem o seu fim naturalmente, ao homem importa alcançá-lo livremente, pois sua *vontade é sinônimo de liberdade*.⁷ O que todos os seres naturais fazem naturalmente, ao homem cuida fazê-lo voluntariamente, não se sujeitando às suas paixões:

Quem quer ser poderoso
Que Domine suas ávidas paixões
E não se abandone ao prazer,
Companheiro tão vergonhoso.
Mesmo se nos confins da Terra
O Indo obedece às tuas leis
E Tule mesmo treme à tua voz,
Afasta teus negros desejos,
Cessa de ter complacência contigo
Senão, não serás poderoso.⁸

4. *Liberdade e Providência*

Com efeito, se conseguirmos ter o domínio sobre as nossas paixões, refreando-as, seremos verdadeiramente livres. Contudo, urge questionarmo-nos: como podemos ser livres, se a Providência tudo dispõe de antemão e se o próprio acaso – acontecimento imprevisto que, em razão de uma somatória de circunstâncias imponderadas, acontece em meio a um conjunto de ações ordenadas a um fim previsto – está a ela sujeito? Na verdade, em relação à Providência, nem se pode dizer que há *acaso* ou acontecimento fortuito.⁹ Desta sorte, importa considerarmos algumas coisas, a fim de podermos responder adequadamente a este problema.

⁷ BOEHNER, GILSON. *História da Filosofia Cristã*. p. 217: “O que todos os demais seres fazem naturalmente, o homem deve fazê-lo voluntariamente. Vontade é sinônimo de liberdade.”

⁸ BOÉCIO. *Op. Cit.* III, 10.

Consideremos, antes de tudo, que todo ser racional é livre, e ser livre é poder julgar, sabendo distinguir o que é bom do que é mau. Desta feita, o *livre-arbítrio* consistirá no poder de escolher o que é desejável e evitar o que se julga que deva ser evitado. Ora, todos os seres racionais são capazes tanto de julgar, discernindo o que é bom e o que é mau, como de fazer as suas escolhas de acordo com os seus julgamentos. Por isso, são livres.¹⁰ Todavia, nem todos os seres providos de razão possuem a liberdade na mesma proporção. De fato, as substâncias separadas possuem um juízo mais excelente e são capazes de realizá-lo com maior descortino. Já as almas humanas serão tanto mais livres quanto mais se mantiverem ligadas à contemplação da inteligência divina e serão tanto menos livres quanto mais se voltarem às coisas corporais, e serão ainda mais reduzidas à servidão se se ligarem à carne, sendo que o grau máximo da escravidão do homem é quando, dominado por seus vícios, deixa de usar a sua razão.¹¹

Sem embargo, o supremo grau da liberdade e da felicidade humana consistirá em ser o homem senhor de si mesmo. Porém, ele só alcançará este estágio, livrando-se das coisas terrenas e deixando-se guiar somente pela sua razão. Entretanto, tal libertação apenas poderá ser levada a termo, se o homem estiver e se mantiver unido a Deus.¹² De fato, ser feliz é ser livre, mas o homem só será verdadeiramente livre quando puder viver de acordo com a sua razão, mas ele só poderá viver de acordo com a sua razão se estiver unido a Deus, e só estará unido a Deus quando conformar a sua vontade com a vontade de Deus. Portanto, em última instância, para o homem, a suprema felicidade será sempre fazer a vontade de Deus. É neste sentido que Boécio diz: “(...) é preciso admitir que Deus é a suprema felicidade”¹³. É no

⁹ *Idem. Op. Cit.* V, 1: “Podemos portanto definir o acaso como um acontecimento inesperado, resultado de uma somatória de circunstâncias, que aparece no meio de ações realizadas com uma finalidade precisa; ora, o que provoca um tal conjunto de circunstâncias é justamente a ordem que procede de um encadeamento inevitável e tem como fonte a Providência, que dispõe todas as coisas em seus lugares e tempos.”

¹⁰ *Idem. Op. Cit.* V, 3: “(...) o livre-arbítrio existe, e nenhum ser dotado de razão poderia existir se não possuísse a liberdade e a faculdade de julgar. Com efeito, todo ser naturalmente capaz de usar a razão possui a faculdade do juízo, que lhe permite distinguir as coisas. Portanto, é ele que julga o que deve ser evitado e o que deve ser procurado. E, assim procura-se tudo aquilo que se julga ser desejável, enquanto se faz tudo para evitar o que se julga deva ser evitado. E é dessa forma que os seres providos de razão são igualmente providos de faculdade de dizer sim ou não.

¹¹ *Idem. Op. Cit.* Mas atenta para o fato de que nem todos os seres a possuem na mesma proporção. De fato, as substâncias celestes e divinas possuem um juízo profundo, uma vontade sem mácula e a capacidade de realizar seus desejos. Quanto às almas humanas, são necessariamente mais livres quando se mantêm na contemplação da inteligência divina, e menos livres quando descem para juntar-se às coisas corporais, e menos livres ainda quando se ligam à carne. E elas alcançam o fundo da servidão quando, levadas pelos vícios, deixam de ter a posse de sua própria razão.

¹² *Idem Op. Cit.* II, 7. Vou te mostrar no que consiste a suprema felicidade. A teu ver há algum bem mais precioso do que tua própria vida? “Não”, responderás. Então, se consegues ser senhor de ti mesmo, possuirás algo que jamais poderás perder nem a Fortuna te arrebatar.

¹³ *Idem. Op. Cit.* III, 19.

querer o que Deus quer, submetendo, graciosamente, o seu juízo ao dEle, que residirá o grau supremo da liberdade humana.¹⁴ Donde, Providência – que é o desígnio divino – e liberdade, corolário espontâneo da racionalidade humana, longe de se excluïrem, caminham juntas: “Longe de se excluïrem, a Providência de Deus e a liberdade do homem se completam harmoniosamente”¹⁵.

Passemos à análise de como Boécio tenta conciliar a liberdade com a presciência.

5. *Liberdade e presciência*

Porém, permanece uma certa aporia. Como conciliar o fato de Deus conhecer todas as coisas de antemão e as ações humanas serem livres? Se Deus é infalível na sua presciência, isto é, se conhece de forma certíssima as nossas ações e vontades antes que elas aconteçam, parece não poder haver atos livres, visto que todas as nossas ações, intenções e vontades seriam predeterminadas pela presciência divina. De fato, se nossas ações são livres para serem desta ou daquela forma, como Deus poderia conhecê-las, previamente? Se a liberdade consiste no poder determinar-se a si mesmo, e se quem determina as nossas ações é a Providência Divina, como nós podemos ser livres, sem atentar contra a soberana Providência Divina? Enfim, se ser livre é ser capaz de escolher, mas se não podemos escolher senão o que a Providência de Deus determinou, como se daria então a nossa liberdade? Por outro lado, se admitirmos que a Providência Divina pode falhar em seus desígnios ou pode subtrair-se às nossas decisões, não haverá mais em Deus uma presciência certa do futuro. No entanto, tal hipótese é sacrílega.¹⁶

Com efeito, alguns filósofos diziam que as coisas não acontecem porque a Providência as prevê, mas a Providência as prevê porque elas irão necessariamente acontecer. Contudo, neste caso ficaria invertida a ordem das coisas, já que a Providência, então, ficaria à mercê

¹⁴ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 217: “O supremo grau de liberdade e, portanto, de felicidade, está em se querer o que Deus quer e em se amar o que Ele ama (...)”.

¹⁵ *Idem. Ibidem.*

¹⁶ BOÉCIO. *Op. Cit.* V, 5: “Pois, se Deus prevê tudo e não se pode enganar de forma alguma, tudo se produz conforme a Providência previu. Deste modo, se ela conhece tudo previamente desde toda eternidade, e não apenas as ações dos homens mas também suas intenções e vontades, não seria possível haver qualquer livre-arbítrio. Com efeito, não se produzirá nenhuma ação ou vontade, seja qual for, que não tenha sido prevista anteriormente pela Providência divina, que é capaz de se enganar. De fato, se esses acontecimentos podem tomar outro rumo que aquele que ele previu, não falaríamos mais numa firme presciência do futuro, mas na realidade de uma opinião incerta, o que seria, no meu ponto de vista, um sacrilégio.”

dos acontecimentos, e não o contrário.¹⁷ Na verdade, a solução para este problema consiste no fato de que, conquanto Deus conheça antecipadamente os acontecimentos futuros, estes não são determinados pela sua presciência.¹⁸ Para aclarar esta opinião, suponhamos, apenas por hipótese, que não haja *presciência*. Ora, em tal caso, a vontade poderá determinar-se a si mesma sem incorrer em necessidade às coisas por ela conhecidas.¹⁹ Digamos agora que haja presciência, mas acrescentando que ela não impõe nenhuma necessidade. Ora, a vontade, então, permanecerá ainda livre.²⁰ No entanto, em que consistirá, neste caso, a presciência? Ela será um sinal de que acontecimentos futuros ocorrerão. Ora, um sinal indica tão somente que algo acontecerá, sem, contudo, fazê-lo acontecer.²¹ Destarte, o conhecimento do presente não torna necessárias as coisas que nele acontecem, mas torna o conhecimento destes acontecimentos infalível.²² Ora, Deus vive como que num eterno presente.²³ Logo, para Ele, é possível conhecer infalivelmente o futuro, sem, entretanto, tolher-lhe a contingência.

Neste sentido, Deus prevê infalivelmente atos livres enquanto livres.²⁴ Assim, enquanto para nós existe um antes e um depois, para Deus tudo está perfeito e simultaneamente presente.²⁵ Sendo assim, Ele pode conhecer as coisas presentes, sem excluir-lhes a liberdade. Deus conhece as coisas futuras – as ações livres e necessárias – que, para

¹⁷ *Idem. Op. Cit.*: “E é fato que eu não partilho a opinião e os raciocínios de alguns filósofos pelos quais eles acreditam poder desatar o nó do problema. Segundo eles, se algo acontece não é porque a Providência tenha previsto que devia acontecer; pelo contrário, é porque algo deve acontecer que a Providência divina é instruída de tal fato; portanto a proposição fica invertida, pois desse modo não é necessário que os acontecimentos ocorram porque foram previstos, mas é necessário que eles sejam previstos porque vão acontecer.”

¹⁸ *Idem. Op. Cit.*: V, 7: “Conseqüentemente, se o fato de se conhecerem tais coisas antes não confere nenhuma necessidade às coisas futuras, caso que reconheceste há pouco, qual seria a razão pela qual a realização das coisas que dependem da vontade fosse dirigida forçosamente a um termo fixado anteriormente?”

¹⁹ *Idem. Op. Cit.*: “‘Pela necessidade do raciocínio e a fim de que vejas a conseqüência que daí resulta, suponhamos que não haja a presciência. Supondo-se isso, os acontecimentos determinados por uma vontade livre estariam sujeitos à necessidade?’ ‘De forma alguma.’”

²⁰ *Idem. Op. Cit.*: “Suponhamos agora que haja presciência, mas que ela não imponha nenhuma necessidade às coisas; segundo julgo, a vontade manterá sua inteira e absoluta liberdade.”

²¹ *Idem. Op. Cit.*: “Mas tu me dirás que, mesmo que a presciência não cause necessariamente os acontecimentos futuros, ela não deixa de ser sinal de que estes acontecimentos ocorrerão necessariamente. Por conseguinte, mesmo que não tenha havido presciência, a realização dos acontecimentos futuros será claramente estabelecida como necessária: pois um sinal, seja qual for, indica apenas o que é, mas não pode criar o que ele indica.” BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 218: “A presciência divina é indício de um ato livre, e não sua causa; quer seja previsto, quer não, o ato se realiza da mesma maneira: o fato de ser previsto não tem o efeito de determiná-lo.”

²² BOÉCIO. *Op. Cit.* V, 7: “Eis, portanto, o gênero de acontecimentos que, embora já antes conhecidos, se realizam livremente, pois, assim como o conhecimento do presente não torna necessários os fatos que se realizam, da mesma forma a presciência do que vai acontecer não impõe nenhuma necessidade aos acontecimentos futuros.” (O itálico é nosso).

²³ GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. p. 170: “Deus vive, pois, num perpétuo presente.” *Idem. Ibidem.*: “Deus é eterno, e a eternidade é a posse total, perfeita e simultânea de uma vida sem fim”.

²⁴ *Idem. Ibidem.*: “Deus prevê infalivelmente os atos livres, mas os prevê enquanto livres (...)”.

²⁵ BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 218: “Devemos representar-nos Deus como existindo num eterno presente e de maneira totalmente extratemporal.”

Ele, são presentes, sem determiná-las a ponto de eliminar a liberdade delas.²⁶ Boécio abarca, na cadeia de raciocínios de única perícope do *De Consolatione*, todas estas proposições:

Conseqüentemente se a Providência vê algo como estando presente, esse algo necessariamente deve estar, embora ela não possa imprimir nenhuma necessidade que esteja ligada a uma natureza distinta. Ora, Deus vê como presentes os acontecimentos futuros que resultam do livre-arbítrio. Por conseguinte, esses acontecimentos, do ponto de vista do olhar divino, tornam-se necessários e submetidos a uma condição que é o conhecimento divino; mas, considerados em si mesmos, não perdem a absoluta liberdade de sua natureza. Daí resulta que todos os acontecimentos que Deus conhece de antemão e que vão se produzir produzir-se-ão com certeza; mas alguns deles provêm do livre-arbítrio e, embora se produzam, não perdem ao se realizarem sua natureza própria, segundo a qual, antes que ocorram, poderiam não acontecer.²⁷

Passemos a analisar a distinção que o nosso filósofo efetua entre Providência e destino e como esta distinção influencia a sua concepção de liberdade.

6. *Providência e destino*

Todo ser criado sujeito à mudança e todas as coisas deste mundo que, de alguma forma, movimentam-se, encontram em Deus a sua causa, ordem e estabilidade. Agora bem, esta *regra* segundo a qual Deus governa todas as coisas e à qual todas as coisas estão sujeitas, subsiste na *inteligência divina* e damos a ela o nome de *providência*. Quando se considera, entretanto, o cumprimento destes decretos eternos de Deus no *tempo*, dá-se-lhe o nome de *destino*.²⁸ Ora, estas duas realidades estão interligadas, pois o destino só se realiza enquanto *procede* da Providência. Assim como a casa preexiste na mente do artista e só depois, e por partes, é executada por ele, assim também a Providência divina fixa o que deve ser feito uma

²⁶ GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 170: “Portanto, há um antes e um depois nos acontecimentos, mas não no conhecimento totalmente presente que Deus tem deles. (...); portanto, ele vê eternamente o necessário como necessário e o livre como livre.”

²⁷ BOÉCIO. *Op. Cit.* V, 11.

²⁸ *Idem. Op. Cit.* IV, 11. “Tudo o que vem ao mundo, todos os seres sujeitos à mudança e à evolução, tudo o que se move de uma certa maneira, encontram sua causa, sua ordem e sua forma na inteligência divina. Esta, firme na cidadela de sua indivisibilidade, fixa uma regra multiforme ao governo do universo. Quando se considera esta regra do ponto de vista da pureza da inteligência divina, chamamo-la *Providência*; mas quando se a considera com relação àquilo que ela põe em movimento e ordena, é o que os antigos chamavam *Destino*.”

vez por todas, enquanto o Destino cumpre, na temporalidade e na multiplicidade das coisas que se sucedem, o que já estava prefixado pela Providência. Portanto, o destino é a execução, no tempo, daquilo que a inteligência divina fixou, antes de todos os tempos, para ser realizado.²⁹

Cumpra destacar ainda que tudo o que está subordinado ao Destino, está, concomitantemente, sob o governo da Providência, já que o próprio destino está sob o comando desta Providência. No entanto, importa dizer que nem todas as coisas que estão submetidas à Providência estão submetidas ao Destino.³⁰ De fato, os homens podem escapar ao Destino à medida que se unirem à inteligência divina, e, contrariamente, podem tornar-se joguetes dele à medida que se afastam de Deus. Destarte, a mobilidade e os incursos do Destino podem ser totalmente afastados por aquele que adere perfeitamente à inteligência suprema, a qual é imóvel e torna imóvel quem dela se aproxima resolutamente. Podemos, pois, libertar-nos daquilo que se nos afigura como imponderável, o destino:

(...) segundo o mesmo raciocínio, quanto mais alguma coisa se distancia da inteligência suprema, mais e mais os liames do Destino a envolvem, enquanto alguma é tanto menos dependente do destino quanto mais se aproxima do pivô do universo. E, se ela adere firmemente à inteligência suprema, desprovida de todo movimento, torna-se também imóvel e escapa à dominação do Destino.³¹

Passemos às considerações finais deste trabalho.

Conclusão

O tema central de Boécio é a liberdade humana, que ele entende como sendo um poder de julgar, discernindo o que é bom do que é mau, bem como um poder de escolher o bem e

²⁹ *Idem. Op. Cit.*: “Embora se trate de duas coisas diferentes, elas dependem uma da outra: o desenvolvimento do Destino procede da indivisibilidade da Providência. Com efeito, do mesmo modo que um artista começa por representar mentalmente a forma de sua criação antes de passar para a realização, e além disso cumpre por etapas sucessivas aquilo que estava representado em suas linhas gerais, assim também Deus fixa pela Providência o que deve ser feito, uma só vez e definitivamente, enquanto o Destino organiza na multiplicidade e na temporalidade exatamente aquilo que foi fixado.”

³⁰ *Idem. Op. Cit.*: “Segue-se que tudo o que é subordinado ao Destino o é também à Providência, à qual está submetido o próprio Destino, mas que certas coisas que estão sob o controle da Providência não estão subordinadas ao encadeamento do Destino.”

³¹ *Idem. Op. Cit.*

evitar o mal. Entretanto, para que o homem conheça verdadeiramente o que é bom e o que é mau, e assim possa escolher adequadamente o bem e evitar o mal, ele precisa unir-se à inteligência divina, ou melhor, à ordem segundo a qual esta inteligência dispôs todas as coisas. Ora, é a esta ordem que Boécio chama *Providência*. Ela se distingue do *Destino*, que, na percepção de Boécio, consiste execução, no tempo, destas disposições eternas. Destarte, o homem alcançaria a liberdade desvencilhando-se do *destino*, onde tudo *parece* acontecer fortuitamente, e unindo-se à Providência. Unindo-se a ela, alcançaria a sabedoria, pois reconheceria em tudo o que lhe acontece uma disposição da mesma Providência e assim adequaria a estes eventos a sua vontade. Desta forma, Boécio concilia a liberdade humana com a Providência divina.

Entretanto, ele tenta ainda conciliar a liberdade humana com a presciência divina. Segundo ele, a presciência divina não tolheria a contingência dos atos humanos e a possibilidade de o homem determinar-se, pois esta não determinaria nada nas coisas, senão que apenas as conheceria infalivelmente, visto que, enquanto os seres criados se encontram no tempo e não podem conhecer com exatidão os “futuros contingentes”, Deus, que está fora tempo, veria todas as coisas num “eterno presente”, e, assim, conhecê-las-ia infalivelmente. Desta maneira, entende Boécio poder conciliar a liberdade humana com a presciência divina.

Agora bem, pensamos que o argumento mediante o qual ele procura harmonizar a liberdade humana com a Providência divina é convincente. Contudo, entendemos ser desprovido de força persuasiva o argumento acerca da presciência divina. Deus não assiste a todas as coisas como um mero espectador, conhecendo infalivelmente tudo o que acontece, mas não determinando nada, isto atentaria contra a Providência divina, a qual o próprio Boécio defendeu com tanto afínco. Na verdade, Deus não somente conhece infalivelmente todas as coisas, senão que as determina infalivelmente também. Como conciliar isto com a liberdade humana, eis o que Boécio não conseguiu, a nosso ver, responder satisfatoriamente. Após conciliar liberdade e Providência, acabou subtraindo o poder da Providência, quando tentou reduzi-la à presciência. Em nome da liberdade, preservou a presciência, mas absorveu nela a Providência.

BIBLIOGRAFIA

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História Da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7^a ed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

BOÉCIO. **A Consolação da Filosofia.** Trad: Willian Li. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.